



HIPERTEXTO: MAIS UM GÊNERO DO DISCURSO?

Antonio Carlos XAVIER (Universidade Federal de Pernambuco)¹
Carmi Ferraz Santos (PG - Universidade Estadual de Campinas)²

ABSTRACT: ABSTRACT: This paper discusses the statute of the electronic text, Hypertext, like a *Tertiary Genre of Discourse*, according to the Bakhtin's definition for the Genre of Discourse. This can occur because of Hypertext is able to make a mix and to reconfigure differently the characteristics of primary and secondary genres in the same visual surface, on the screen of computer.

KEYWORDS: Text, Hypertext, Genres of Discourse, Writing;

0. Introdução

A inventividade humana tem produzido constantemente novas e diferentes tecnologias intelectuais que geram múltiplas e heterogêneas práticas sociais, políticas e culturais, cuja institucionalização se dá, no *dever* da história, pela linguagem, a qual também é responsável por articular e disseminar tais tecnologias no mundo. Foi assim com o fogo de Prometeu, com a invenção da roda e, sobretudo, com a criação da linguagem verbal. Assim como as formas de interação social - oral e escrita - transformaram-se e efetivaram a sua coexistência pacífica ao longo do tempo, o mundo parece assistir hoje a mais uma grande revolução nas formas de comunicação humana. Trata-se da interação à distância via computador. Este tem viabilizado a integração e fusão das duas modalidades de uso da língua (oral e escrita) em uma mesma superfície verbo-visual-auditiva de forma ubíqua e simultânea. Este fato se tornou possível pelo advento da digitalização das informações implementada nesta última década de milênio. A interação pelo computador parece trazer consigo um tipo paradigmático de construção e organização textual/discursiva (Xavier 1999a). Derivada das formas de 'textualização' anteriores, o texto eletrônico - Hipertexto - parece reconfigurar os gêneros textuais/discursivos pelos quais as linguagens falada e escrita se materializam.

1. Hipertexto, Gênero Terciário do Discurso?

Mikhail Bakhtin (1997:279) afirma que a língua se relaciona às mais diferentes esferas da vida humana nas mais variadas situações de uso. Para cada uma das ocasiões discursivas, diz ele, haveria uma forma sócio-culturalmente elaborada de utilizar os diversos tipos de textos em qualquer das modalidades da língua. Ele define os *Gêneros*

¹ Prof. do Depto de Letras da UFPE e doutorando em Lingüística - IEL/UNICAMP).

² Doutoranda em Lingüística Aplicada - IEL/UNICAMP.



do Discurso como “enunciados relativamente estáveis compostos indissolavelmente por três elementos” fundamentais, que são: *conteúdo temático, estilo e construção composicional*. Por serem naturalmente heterogêneos e perpassarem a riqueza das atividades humanas, não é uma tarefa fácil demarcar com precisão os traços comuns a todos os gêneros. Para ele, à medida que as esferas da vida se desenvolvem e se complexificam, os gêneros também sofrem modificações.

Na mesma perspectiva, Gülich (*apud* Marcuschi 1996), afirma ser o gênero uma designação propositadamente vaga para nomear qualquer forma textual, ou seja, de classificação aberta, caracterizada por propriedades que não se aplicam a todos os textos. Em outras palavras, gênero seria uma identificação empírica, mas não necessariamente a identificação de um evento. Os usuários da língua se apoiariam em traços gerais dos gêneros, adquiridos intuitivamente para utilizá-los, já que apresentam um alto grau de estereotipia. Haveria uma espécie de saber social comum através do qual as pessoas se orientariam para escolher e produzir determinado gênero e não outro em cada contexto de comunicação. Os gêneros seriam, então, normalmente selecionados com base nos objetivos dos interlocutores e na natureza do tópico tratado - que Bakhtin chama de conteúdo temático -, sendo, portanto, uma questão muito mais de **uso** que de forma, de acordo com Gülich.

Retornando a Bakhtin, ele distingue os gêneros do discurso em basicamente dois, *Primários* e *Secundários*, de acordo com a sua essência de realização. *Primários* são os gêneros *simples*, constituídos “em circunstâncias de comunicação verbal espontânea” (p.289) ou em “situação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios”. Já os gêneros *secundários* do discurso “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída.” São produtos de um processo histórico de formação, através do qual os gêneros primários são absorvidos e transmutados. Desta forma, a escrita, enquanto modalidade de uso da língua derivada da fala, teria feito originar uma série de gêneros discursivos, inclusive inserindo e reinterpretando os gêneros primários dentro de sua própria estrutura, tal como o romance literário, por exemplo, introduziu o diálogo cotidiano em seu escopo.

Tal como a escrita reorganizou as funções sócio-comunicativas da fala e, conseqüentemente, permitiu a emergência de vários outros gêneros do discurso inexistentes até então, sem negar, anular ou substituir os gêneros anteriores, parece-me razoável conjecturar que o processo crescente de desenvolvimento humano acelerado pelos recentes avanços tecnológicos tem produzido mudanças e inovações nas sociedades contemporâneas, entre elas o surgimento da interação à distância via Internet incrementada pelo Hipertexto, cujas conseqüências se estendem aos aspectos cognitivo, social, cultural, e sobretudo, lingüístico da vida do homem.



Portanto, defendo a idéia de que as novas tecnologias de comunicação, especificamente a Hipermídia e o Hipertexto possibilitam o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo produto é um gênero do discurso de terceira ordem, o qual, na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia denominar de *Gênero Terciário*.

2. Operações Modificadoras do Hipertexto sobre os Gêneros do Discurso

Dada a natureza do próprio Hipertexto - *não-linear, virtual, ubíquo, pluritextual, interativo* - é possível dizer que ele se forma e se constitui predominantemente a partir dos traços característicos dos gêneros anteriores especialmente dos secundários. Sendo assim, pode-se observar que o Hipertexto, enquanto gênero terciário, logo, derivado, tende a promover três operações modificadoras nos gêneros do discurso que são: a reconfiguração das formatações tradicionais da escrita, a superposição de sistemas semióticos e, por último, a complexificação das funções sócio-comunicativas dos gêneros anteriores. Como, então, operam tais agentes transformadores do discurso?

2.a) Reconfiguração das Formatações Tradicionais da Escrita

Além de utilizar a formatação tradicional do texto escrito, tais como a divisão em parágrafos, seções, capítulos e obedecer à seqüência das palavras, dos sinais diacríticos e de pontuação em seu emprego convencional, o texto eletrônico subverte esses elementos e reaproveita-os, reconfigurando-os de uma outra maneira, resignificando-os diferentemente. Isto acontece, entre outras razões, pela introdução dos “*emoticons*” nos Hipertextos produzidos durante as interações pelo computador em *salas de bate-papo, e-mails, fóruns eletrônicos*. Ou seja, são ícones que traduzem as emoções (*emotional icons*) do enunciador diante do enunciatário. Esta técnica criada consuetudinariamente pelos usuários do Hipertexto na Internet busca suprir a ausência do acesso ao tom de voz, gestos e expressões faciais dos interlocutores próprias das interações face-a-face. Este também foi um problema enfrentado pela escrita alfabética, quando da sua invenção, que foi, ao longo da sua história, parcamente resolvido pela convencionalização dos sinais de pontuação.

Além dos “*emoticons*”, os usuários da rede hipertextual construíram coletivamente outras maneiras de demonstrar estados emocionais, tais como, escrever palavras em letras MAIÚSCULAS geralmente para indicar um grito do enunciador ou que ele estaria falando alto. Uma maneira diferenciada de enfatizar uma determinada palavra ou frase foi colocá-la entre o sinal gráfico asterisco (*), antes empregado corriqueiramente para fazer remissão a uma nota de rodapé, fim de capítulo ou de volume, ou ainda para indicar separação de períodos.

É curioso notar que todas estas modificações efetuadas sobre alguns dos traços da escrita são essencialmente reinterpretações que se tornaram necessárias em função das



novas práticas interacionais que passaram a existir com o advento da interação à distância pelo computador. Nos casos acima, a imaginação aliada à necessidade fizeram com que os usuários jogassem com os *topogramas* já existentes e bastante conhecidos sócio-culturalmente, a fim de solucionar uma dificuldade concreta em situação de telecomunicação. Se tais “engenhocas” icônicas substitutivas dos elementos paralingüísticos (entonação, ritmo, tom de voz, etc.) não são tão perfeitas quanto às originais, parecem se aproximar um pouco mais da realidade emocional dos enunciadores, que os tradicionais sinais de pontuação da escrita. No entanto, ambas as formas de expressar emoção graficamente têm a sua utilidade e relevância dentro do gênero de discurso, contexto sócio-interacional e finalidade para as quais têm sido empregadas.

2.b. Superposição de Sistemas Semióticos

Sabe-se que, do ponto de vista físico, a escrita diferencia-se da fala por ser aquela de natureza essencialmente visual, enquanto esta basicamente auditiva. Sendo de natureza híbrida, isto é, capaz de mesclar elementos da oralidade com os da escrita, o texto eletrônico permite também que outras formas semióticas lhe sejam adicionadas tais como as imagens animadas e efeitos sonoros outros e não apenas os da voz humana. Esta abertura para a confluência de outras estruturas sógnicas agregadas a um mesmo aparato eletrônico torna o Hipertexto uma possibilidade comunicacional plural, dinâmica e muito mais envolvente, ainda que à distância, já que os usuários passam a ter acesso a mais de uma forma de linguagem para se relacionarem.

Os gêneros hipertextuais instauram uma nova arquitetura lingüística que reorganiza os elementos verbais, visuais e auditivos, fazendo-os ocupar um espaço específico e relevante dentro da montagem desta reconfiguração semiótica. Editadas todas em um mesmo espaço de leitura - tela digital - as diversas linguagens ‘bricoladas’ ganham um efeito de significação extremamente rico, profundamente mais abundante em recursos perceptuais que quando acessados isoladamente um a um, pois os interpretantes - usuários hipertextuais - passam a dispor de não apenas uma linguagem, mas de várias operando conjuntamente e concorrendo simultaneamente para construção do sentido proposto pelo produtor do gênero hipertextual. Imersa neste universo de múltiplas manifestações semióticas que os gêneros terciários do discurso possibilitam, a experiência lingüístico-cognitiva do enunciatário torna-se bem mais farta e potencialmente mais completa em relação à dos gêneros secundários, uma vez que o universo sensorial mobilizado pelo enunciador, no Hipertexto, para produzir o seu discurso ultrapassa o nível do sistema alfabético da escrita e atinge os sistemas pictórico e auditivo, todos ao mesmo tempo (Xavier 1999b).

Esta superposição dos sistemas semióticos efetuados pelo/no Hipertexto, enquanto gênero terciário do discurso, não chega a modificar radicalmente tais sistemas sógnicos em si, não é esta a pretensão. Busca-se, antes, justapô-los lado a lado conservando a



funcionalidade original de cada um, todavia condensada e redirecionada para atuar cooperativamente, e não mais solitariamente, como fonte única e total de sentido³. Não há substituição ou apagamento de qualquer um dos sistemas semióticos. Pelo contrário, há adição, soma, acréscimo deles. O que ocorre, na verdade, é uma tentativa bem sucedida de fazer convergir para um mesmo lugar sistemas diferentes e, com isso, permitir o acesso do interpretante ao sentido de um modo mais global, tal como ocorre com os gêneros primários, cuja sobreposição de linguagens verbal, paraverbal (tom de voz, ritmo, entoação) e não-verbal (gestos, olhares), dentro de um ambiente espontâneo de realização, dão aos interlocutores a condição ideal para a interação social efetiva.

Certamente, em cada um dos gêneros hipertextuais haverá uma tendência ao predomínio de um dos sistemas sígnicos, como acontece com a prática de linguagem nas *salas de bate-papo*, os chamados *chats*, em que se pode constatar um uso intenso de *emoticons* e figuras, algumas delas até com recurso de animação, a fim de se obter um ritmo conversacional mais próximo do diálogo cotidiano. O mesmo já não ocorre com os *Fóruns Virtuais* e com os *E-mails* nos quais se usam menos expressões indicadoras de emoção e poucas imagens e figuras.

2.c. Complexificação das Funções Sócio-Interativas dos Gêneros Anteriores

Uma vez retrabalhados e reaproveitados diferentemente, os elementos da escrita e de outras linguagens não-verbais, o gênero terciário de natureza hipertextual mistura várias funções sócio-comunicativas dos diversos gêneros discursivos ligados à fala e à escrita. Ou seja, certas ações de linguagem já consolidadas e prefiguradas em determinados gêneros secundários e/ou primários, que lançam sobre os interlocutores determinados horizontes de expectativas, são reemoldurados em um novo espaço de enunciação que faculta ao seu produtor o uso de algumas formatações lingüístico-rituais e estruturações estilísticas próprias de cada gênero, colocando-o na fronteira com outros gêneros com os quais mantém algumas similaridades.

Este fenômeno é o que parece acontecer no Correio-Eletrônico que, ao contrário de ser apenas um suporte digital para envio e recepção instantâneas de mensagens (em forma de arquivos eletrônicos diversos: textos, imagens, programas, etc.), apresenta traços muito semelhantes a diversos outros gêneros secundários do discurso, tais como bilhete (para recados e/ou lembretes), aviso, telegrama, convite informal, carta entre amigos, cartão de congratulação, comentário breve, receita, pedido comercial, etc., os quais

³ Cabe-me aqui salientar que não estou com isto querendo dizer que o sentido construído no Hipertexto tende a ser uniforme ou único, até porque defender esta posição seria ignorar a grande complexidade que envolve o processo de compreensão. Todavia, o ajuntamento de sistemas de linguagem aumentaria a quantidade de pistas inferenciais verbais e não-verbais no quadro enunciativo geral proposto pelo enunciador.



portam mensagens de pequena extensão, declarações passionais ou amistosas, cujas estruturas lingüísticas são inquestionavelmente menores e mais 'simples'.

Paradoxalmente, o *E-mail* comporta também, e não só anexadamente, textos extensos e mais juridicamente comprometedores, como contratos empresariais, minutas institucionais, processos cívics e criminais, artigos científicos, inquéritos policiais, atas de reuniões, balancetes financeiros, entre outros de estruturas composicionais maiores e mais 'elaboradas' ⁴. Isto, na realidade, aponta para a versatilidade e, conseqüentemente, para a grande complexidade deste que seria, *a priori*, apenas mais um suporte de mensagens, mas que, na prática das atividades de linguagem cotidianas, vem se configurando como espaço múltiplo de enunciações possíveis dentro da vasta constelação de gêneros discursivos que ele acomoda e viabiliza conforme as necessidades comunicativas dos usuários.

O *Fórum Eletrônico*, no entanto, é um gênero terciário que guarda mais semelhanças com os gêneros primários por serem constituídos basicamente por marcas da oralidade tanto na forma composicional como no tempo de execução. Períodos simples e curtos, frases nominais, preferência por construções verbais na voz ativa, frases truncadas, menor densidade informacional, marcas de envolvimento, presença de marcadores conversacionais, entre outras características da oralidade costumam aparecer nos fóruns virtuais. Além disso, ele é geralmente produzido no calor da emoção de um debate, em razão da alta polarização dos temas que geralmente são disponibilizados na rede, levando os interlocutores a darem respostas imediatas, "prêt-a-porter", sem uma argumentação mais sólida e amadurecida.

Enfim, parece inegável o fato de que os *Fóruns Eletrônicos*, da forma em que estão constituídos hoje na rede, possuem uma grande semelhança com os gêneros mais espontâneos próprios da oralidade, não obstante a sua concretização se dê pela escrita. O *E-mail*, por sua vez, tende a preservar mais as características dos gêneros escritos, desenvolvendo-os, complexificando-os e flexibilizando-os, fatores que o faz axialmente diferente dos gêneros secundários dos quais deriva. Em síntese, pode-se afirmar, então, que o *Gênero Terciário* - especificamente o *E-mail* e o *Fórum Virtual* -, se calcam respectivamente na dialética da concretude e historicidade da escrita e na naturalidade e simultaneidade da fala.

⁴ Deve ficar claro aqui que não considero a extensão do texto, a quantidade de palavras ou o volume físico do discurso como critérios para avaliar o grau de complexidade da sua estrutura. A idéia é fazer o leitor visualizar agrupadamente os gêneros que demandam mais elaboração, mais ritualização e rigor estrutural de um lado, e de outro, aqueles gêneros secundários menos cerimoniais e, por isso, de formatação mais aberta e flexível.



3. Conclusão

Obviamente este breve ensaio em torno do Hipertexto como gênero terciário do discurso ainda está em fase de gestação e precisa de análises mais refinadas, a fim de ganhar consistência, amadurecer e se consolidar no cenário dos estudos relativos aos gêneros hoje no centro das discussões na Lingüística e na Educação. Todavia, acredito ser de fundamental importância iniciar uma abordagem o quanto antes deste novo espaço de escrita (Hipertexto) que se mostra, no mínimo, diferente das formas tradicionais de produção e compreensão textual/discursiva, tendo em vista a sua penetração inegável na vida e nas práticas sociais e lingüísticas das sociedades contemporâneas.

Assim, cabe também à Ciência da Linguagem contribuir para se conhecer melhor e mais profundamente este que não é mero suporte de produções textuais/discursivas múltiplas e plurais, mas tem se configurado como um gênero de discurso com características próprias e diferenciadas, ainda que enraizadas nas dos gêneros anteriores.

RESUMO: Este artigo discute o estatuto do texto eletrônico, Hipertexto, enquanto *Gênero Terciário do Discurso*, de acordo com a lógica da definição bakhtiniana para os gêneros do discurso. Isto se daria em função da sua capacidade para amalgamar e semiotizar diferentemente as características dos gêneros anteriores primário e secundário do discurso em uma mesma superfície visual.

PALAVRAS-CHAVE: Texto, Hipertexto, Gêneros do Discurso, Escrita;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOLTER, Jay David. 1991. *Writing Space. The Computer, Hypertext, and the History of Writing*. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associates. 1999.
- DOLZ J. e SCHENEUWLY, B. *Gêneros e Progressão em Expressão Oral e Escrita*. Mimeo, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Por uma proposta para a classificação dos gêneros Textuais* (Apresentado no II Congresso Nacional sobre Língua Falada e Escrita). Recife: Mimeo, 1996.
- _____. *Linearização, Cognição e Referência: o Desafio do Hipertexto*. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latino Americana de Análise do Discurso, Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.
- SCHNEUWLY, B. *Gênero e Tipos de Texto: Considerações Psicológicas e Ontogenéticas*. Mimeo. (Trad. Roxane H. R. Roxo) 1996.
- XAVIER, Antonio Carlos.. *Hipertexto: Novo Paradigma Texto?* www.unicamp.br/~hytex 1999a
- _____. *Leitura, Texto e Hipertexto*. www.unicamp.br/~hytex. 1999b.



HIPERTEXTO: MAIS UM GÊNERO DO DISCURSO?

Antonio Carlos XAVIER (UFPE/UNICAMP)
tonix@iel.unicamp.br

As novas tecnologias intelectuais geram múltiplas e heterogêneas práticas sociais, políticas e culturais cuja institucionalização se dá, no *devir* da história, através da linguagem, a qual também é responsável por articular e disseminar tais tecnologias nas sociedades contemporâneas. A chegada da Internet tem permitido o surgimento de práticas singulares de interação à distância. Este artigo discute o estatuto do texto eletrônico, Hipertexto, enquanto *Gênero Terciário do Discurso*, de acordo com a lógica da definição bakhtiniana para os gêneros do discurso. Isto se daria em função da sua capacidade para amalgamar e semiotizar diferentemente as características dos gêneros anteriores primário e secundário do discurso em uma mesma superfície visual, a tela do computador. Entre os vários subgêneros do Hipertexto, o *E-mail* e o *Fórum Eletrônico* baseiam-se respectivamente na dialética da concretude e historicidade da escrita e na naturalidade e simultaneidade da fala, fato que ratificaria a condição do Hipertexto como um Gênero Terciário do Discurso.